Aula 7

BREVE PANORAMA DA SOCIEDADE E DA CULTURA NA BAIXA IDADE MÉDIA

META

Destacar questões indicativas do panorama sócio-cultural da Idade Média e indicar uma bibliografia complementar a respeito do tema.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
Analisar o papel das Cruzadas como movimento desencadeador de mudanças na sociedade feudal.
Identificar as principais transformações sociais ocorridas na Baixa Idade Média e suas causas.
Destacar elementos representativos da produção cultural na Baixa Idade Média.

Lenalda Andrade Santos
Bruno Gonçalves Alvaro

INTRODUÇÃO

Assim como aconteceu com a economia com a economia e a política, também a sociedade e a cultura européia viveram mudanças significativas no período da chamada Baixa Idade Média. Tratemos um pouco desse assunto.

Pelo estímulo dado às atividades comerciais, as Cruzadas acabaram também contribuindo para as outras mudanças, como as que atingiram a sociedade feudal na Baixa Idade Média. Vejamos como Franco júnior analisa essa questão.

Segundo ele, as Cruzadas pretendiam representar o reenquadramento da sociedade no modelo clerical, mas, "na prática se revelaram apenas mais uma idealização. Realmente, elas aceleraram a dinâmica social e trouxeram à tona (ou facilitaram) novos problemas. Em primeiro lugar, os que afetaram a Igreja, que jogara todo seu prestígio na justificação ideológica e na organização do movimento. Dessa maneira, o fracasso das Cruzadas ofuscou muito da autoridade moral do clero. Seu poder de intermediação com a Divindade começou a ser colocada em xeque: por que Deus permitiria a derrota cristã? As heresias, expressões da crescente oposição à sociedade feudo-clerical, ganharam terreno e proliferaram nos séculos XII-XIII. A Igreja perdia o controle sobre o próprio movimento cruzadístico, como mostram os episódios de 1202-1204. Naquela ocasião, os cruzados só aceitaram na expedição um representante papal que não tivesse poderes decisórios, e ademais, contrariando o próprio pontífice, tomaram por interesses particulares duas cidades cristãs (Zara e Constantinopla), esquecendo-se dos inimigos muçulmanos.

Em segundo lugar, a aristocracia laica também foi, é claro, tocada pelo movimento cruzadístico que por quase dois séculos (1096-1270) levou dezenas de milhares de seus membros para o Oriente Médio ou a Península Ibérica. Excetuada a glória que isso proporcionava, a maioria de seus participantes nada ganhou com as Cruzadas. [...] De fato, muitas famílias nobres dilapidaram seu patrimônio para participarem das Cruzadas, na esperança de através delas obterem senhorios maiores do que os que possuíam. Muitas outras linhagens simplesmente desapareceram, em função da morte (na luta ou em viagem) de seus representantes masculinos.

Essa decadência aristocrática, naturalmente teve como contrapartida a emergência de novos grupos sociais. Saídos todos eles da crise feudo-clerical, eram portanto elementos dissolventes daquela sociedade, cuja crise então se acelerava. Era o caso de um campesinato livre, que se não tinha desaparecido nunca, fora bastante reduzido [...] Porém, as dificuldades da aristocracia tinham possibilitado muitas vezes a quebra dos laços de servidão. Ou pela compra da liberdade, pois os senhores precisavam de mais recursos para sustentar uma família maior devido ao crescimento demográfico e para partir em Cruzada na tentativa de solucionar o problema. Ou pela fuga, com os servos se aproveitando da ausência do senhor que se fizera cruzado.

Ou ainda, ao lado daquelas alforrias, movimentos coletivos, com cartas de franquia libertando comunidades rurais inteiras ou ao menos obtendo do senhor a isenção de certas exações e a fixação de obrigações antes arbitrárias. Tal processo se deu em quase toda a França, Espanha e Itália central e setentrional. Contudo, em outros locais a situação camponesa não se alterou, ou até piorou, devido às crescentes exigências senhoriais resultantes das dificuldades daquela camada. Daí a eclosão de movimentos campesinos, alguns exigindo o respeito aos velhos costumes, outros objetivando maiores direitos sobre as terras comunais [...].

Também reflexo e acelerador das transformações sociais foi o aparecimento de um segmento burguês. Com o crescimento demográfico e econômico, as cidades da Idade Média Central se revigoraram, pois, para aqueles que fugiam aos laços compulsórios da servidão, a vida urbana oferecia muitos atrativos. [...] depois de morar certo tempo numa cidade o camponês tornava-se um homem livre. Mais do que isso, tornava-se burguês (habitante do burgo, ou seja, da cidade), o que significava uma situação jurídica própria, bem definida, com obrigações limitadas e direito a participação política, administrativa e econômica na vida da cidade [...].

TRANSFORMAÇÕES NA SOCIEDADE FEUDAL

Figura 18: http://historiamaneco.blogspot.com.br

Não se pode negar que com o tempo as cidades desempenharam um papel contrário à sociedade feudo-clerical [...] era em função da sua anti-feudalidade e seu anticlericalismo que nas cidades se concentravam todas as formas de marginalidade social. Significativamente, aliás, elas estavam quase sempre entrecruzadas, pois a negação de qualquer um dos aspectos da sociedade punha em risco toda sua estrutura. Era o caso da exclusividade eclesiástica do sagrado (que os feiticeiros ameaçavam), do regionalismo e imobilismo dos costumes (que os estrangeiros rompiam), do controle cristão sobre a nova economia de mercado (que via nos judeus concorrentes), dos valores sexuais tradicionais (que os homossexuais desafiavam), da desigual distribuição social das riquezas (que a presença dos pobres delatava). Mas, sobretudo, a mais contundente crítica partia dos hereges, ao atacarem o elemento-chave do feudo-clericalismo, o elemento que articulava todos os outros, o catolicismo romano. Noutros termos, as heresias dos séculos XII-XIII eram essencialmente movimentos sociais contestadores, que assumiam forma religiosa por serem, é óbvio, produto de seu tempo, [...] o discurso ideológico dominante, clerical, só poderia ser negado através de um discurso que partisse dele. Só poderia ser quebrado por dentro; eis o sentido das heresias.

A grande síntese disso tudo talvez tenha sido o desenvolvimento do individualismo, com a conseqüente passagem da família agnática para a família conjugal e a correspondente valorização da mulher e da criança. Ou seja, nas cidades despontavam novos valores sociais, opostos àqueles coletivistas (interdependência das ordens) e machistas (predominância de um clero celibatário e de guerreiros. [...]

No que diz respeito à revalorização da mulher, o fenômeno central [...] foi o acentuado progresso do culto à Virgem desde o século XII. Na literatura desenvolvia-se a lírica cortesã, na qual o trovador reverenciava uma dama, tornada sua "senhora" pelo amor que ele lhe dedicava. Portanto, adoção do vocabulário feudal, rompendo seu sentido primitivo. Nas instituições urbanas, e logo nas aristocráticas, passava-se a reconhecer à mulher o direito a uma parte substancial dos bens do marido. No Sul europeu, aceitava-se mesmo sua participação na vida política. O desempenho social das mulheres ganhava peso crescente: em Paris de fins do século XIII, havia cinco ofícios exercidos exclusivamente por elas, que ainda estavam presentes em quase todos os outros. [...]

Na Baixa Idade Média, a passagem da sociedade de ordens para uma sociedade estamental, produto da própria dinâmica feudal, acelerou-se naquele contexto de crise generalizada. Ou seja, com a quebra da rígida estratificação anterior, baseada num ordenamento divino da sociedade, o organismo social tornou-se determinável pelos próprios indivíduos. Dito de outra forma, a tendência ao imobilismo social foi sendo substituída pela aceitação da possibilidade de mudanças: na sociedade de ordens cada indivíduo é de determinada camada, na sociedade estamental ele está numa certa camada. A partir disso,

foram se desenvolvendo relações de classe no interior do terceiro estado, ocorrendo convulsões sociais de um novo tipo, já "modernas".

A aristocracia, naturalmente, foi a mais atingida pelas transformações da época. As dificuldades da economia senhorial arruinavam muitas famílias nobres, que perdiam suas terras e se deslocavam para as cidades ou para as cortes principescas ou monárquicas. Desta forma, sofria certa descaracterização, ou ao menos perdia alguns dos traços que tinham feito parte de seu poder e prestígio até então. Essa situação nova e pouco compreensível para os nobres provocou mudanças gerias no seu comportamento psicológico, dentre elas uma limitação da natalidade. [...] Assim, a nobreza desfalcada demográfica e economicamente abria-se a elementos provenientes da burguesia e mesmo de um campesinato rico que se formara com a crise.

Através desse freqüente expediente da nobreza de tentar se recuperar graças a casamentos convenientes ocorria o enobrecimento de algumas famílias burguesas (França) e o aburguesamento de famílias nobres (Itália). Portanto, de certa forma a própria nobreza contribuiu para a mobilidade social do período. Outro aspecto importantíssimo desse fenômeno foi terse completado a quebra da identidade clero-nobreza. Sabemos que desde o século XI havia atritos no interior da aristocracia, com laicos e clérigos disputando a posse dos excedentes produtivos gerados pelo crescimento econômico. Contudo, em relação ao restante da sociedade a aristocracia continuava, de forma geral, a agir em bloco. Mas desde o século XIII, e acentuadamente com a crise do século XIV, o clero ia deixando de ser recrutado exclusivamente na nobreza e formava-se um "proletariado clerical".

A burguesia, cujo aparecimento na Idade Média Central tinha expressado as transformações sociais então em gestação, consolidou-se com a crise aristocrática. Foi assim, por exemplo, que se deu a penetração burguesa no campo, com a compra de terras que ocorria pelo menos desde o século XIII, acelerando-se na Baixa Idade Média. O fenômeno foi especialmente intenso na Itália, onde o domínio da cidade sobre a zona rural circunvizinha não era apenas uma especulação interessante ou uma fonte de prestígio, mas também uma questão de segurança [...].

Em relação aos trabalhadores rurais, a crise social se manifestou de dupla forma. De um lado, o retrocesso demográfico e econômico acelerou o processo de recuo da servidão, do surgimento de um campesinato livre, e permitiu mesmo a formação de uma elite camponesa. Esta era constituída por indivíduos que, aproveitando do desaparecimento de famílias nobres e do despovoamento de regiões inteiras pela peste negra, conseguiram obter terras próprias. [...] De outro lado, em certas regiões, sobretudo na Inglaterra, o campesinato viu-se diante da chamada "reação senhorial". Isto é, do revigoramento dos laços de dependência, com os senhores, especialmente os eclesiásticos, tentando reimpor antigas obrigações, que desde o século XII ou XIII tinham caído em desuso. Na Itália, essa "reação senhorial" foi mais acentuada nas terras de propriedade de marcadores.

Quanto à mão-de-obra urbana, a situação era mais homogênea, e mais difícil. A crise não criou uma elite trabalhadora, como fizera no campo, apenas reforçou o poder da alta burguesia. Ademais, a relativa alta dos preços industriais, enquanto os preços agrícolas caíam, atraía muitos camponeses para as cidades. Dessa forma, aumentava a oferta de mão-de-obra urbana, o que permitia ao patriciado burguês pressionar os salários para baixo, rompendo a tendência altista gerada pela peste negra. As corporações de ofício fecharam-se ainda mais, zelosas de seus privilégios: a condição de mestre tendeu a se tornar hereditária, dificultou-se a abertura de novas oficinas, em Flandres recorreu-se à violência contra a indústria artesanal rural que se formava como escapatória ao oligopólio corporativo.

O resultado daquele estado de coisas, tanto no campo quanto nas cidades, foi uma série de sublevações populares. Algumas eram contra a miséria, em regiões mais pobres [...]. No entanto, as revoltas camponesas mais importantes mobilizaram trabalhadores em boa situação, que enfrentavam a reação senhorial. Tais movimentos não eram revolucionários, mas reacionários, buscando a volta de um passado recente, considerado menos duro; eram mais contra a conjuntura do que contra a estrutura". (FRANCO JR, 1986, p. 78/85).

ENCONTRO COM OS POBRES: SERES POUCO CONHECIDOS E AMBÌGUOS

"Considerada em sua acepção usual de carência, a pobreza foi permanente ao longo da Idade Média. Jamais se pensou em suprimi-la, desde as seqüelas do pauperismo antigo e da regressão social e econômica dos tempos bárbaros, até o momento em que os contemporâneos da Renascença e da reforma desenvolveram um sentimento de vergonha diante de um estado indigno do homem. Assim como a caridade era exortada a jamais perecer, de acordo com o apóstolo Paulo, admitia-se, ouvindo Cristo, que sempre haveria pobres. A perenidade da caridade e da pobreza nem por isso é menos ambígua. Uma dupla corrente de protestos atravessa a Idade Média. Alguns, provenientes dos próprios desvalidos, assumiram a forma, estranhamente bissecular em sua expressão mais viva, das revoltas dos séculos XII< XIV e XVI. Outros, incessantemente animados pelo fermento evangélico e estimulados, a partir do século XIII, pelo movimento franciscano, tentaram conciliar a abjeção da miséria vivida com a virtude da pobreza e floresceram nas obras de misericórdia. Nenhuma dessas correntes, porém, podia conceber uma alternativa que não fosse um atendimento aos pobres ou uma inversão do estado social em benefício dos desafortunados, na impossibilidade de saber e poder tomar o mal pela raiz". (MOLLAT, 1989, p. 1/2).

A PRODUÇÃO CULTURAL NA BAIXA IDADE MÉDIA

A FILOSOFIA

Figura 19: A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média / http://www.revistamirabilia.com

O sistema filosófico de maior importância no período medieval foi a escolástica. Filosofia ensinada nas escolas dessa época, a escolástica tinha como objetivo um melhor entendimento do pensamento cristão. Os filósofos escolásticos não acreditavam que a verdade pudesse ser atingida pela percepção senhorial. Afirmavam que os sentidos permitiriam ao ser humano captar apenas a aparência das coisas, contudo sua verdadeira natureza ou essência seria alcançada principalmente por meio da razão. Sob forte influência cristã, os escolásticos consideravam até mesmo a razão insuficiente para atingir o conhecimento pleno. As conclusões apoiadas na lógica, além de serem coerentes com os ensinamentos dos filósofos clássicos como Platão e Aristóteles, precisavam ser coerentes, também, com as Sagradas Escrituras.

Dentre os filósofos escolásticos destacaram-se Pedro Abelardo, Santo Alberto Magno e São Tomás de Aquino.

Pedro Abelardo (1079-1142) é o primeiro grande pensador da Baixa Idade Média. Firme defensor do raciocínio crítico [...] em sua obra mais famosa, Sic et non ("Sim e não"), refutou inúmeros conceitos de aceitação geral em sua época.

Santo Alberto Magno (1190-1280), dominicano, estudou a obra completa de Aristóteles. Discorre em suas obras sobre os mais variados assuntos, que vão da botânica aos mistérios da alma. Foi, em toda a história, o único sábio honrado pela Igreja com o título de Magno (Grande).

O também dominicano São Tomás de Aquino (1225-1274), foi o mais famoso dos filósofos escolásticos. Em sua obra, procurou demonstrar a racionalidade do Universo e sua existência para a realização de um plano previamente concebido por Deus. Para ele, a razão era a chave do conhecimento. Considerava o próprio Deus um ser racional, passível de ser compreendido, embora de forma imperfeita, pelo conhecimento humano. A influência filosófica de São Tomás de Aquino é grande ainda nos dias atuais.

No final do século XIII, a escolástica começou a perder sua força. [...] Coube aos filósofos nominalistas negar por completo os fundamentos da escolástica. Eles colocavam a razão em segundo plano, atribuindo à experiência a fonte do conhecimento. As questões que não pudessem ser demonstradas pela experiência só poderiam ser aceitas pela fé. [...] Essa escola filosófica abriu caminho para o conhecimento do Renascimento.

A CIÊNCIA E AS ARTES
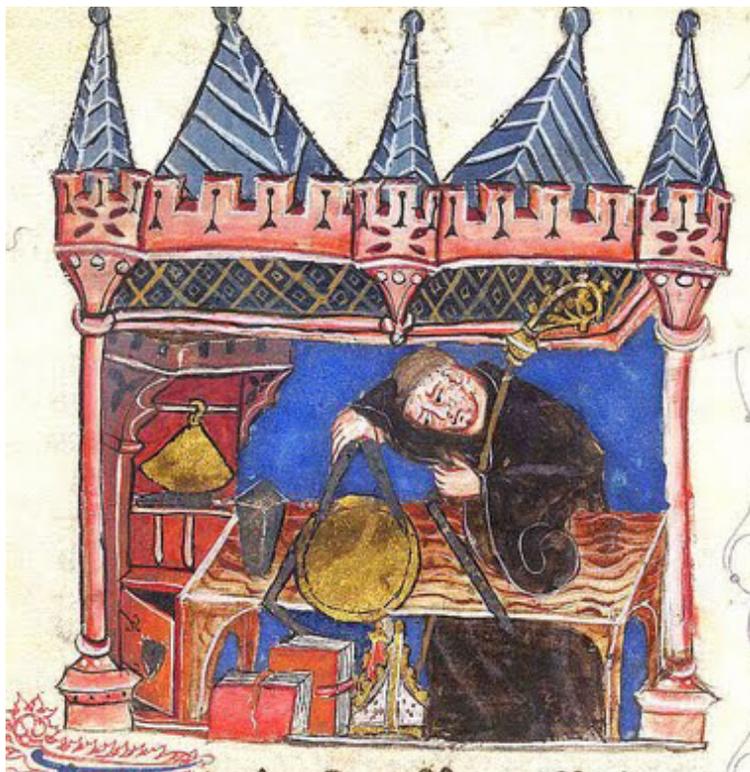
Figura 20: Nas abadias, monges desenvolveram as ciências naturais. http://gloriadaidademedia.blogspot.com.br

O conjunto de realizações científicas na Idade Média não foi grande se tomarmos como base a sociedade feudal. Entretanto é preciso considerar algumas especificidades daquela época. A produção do conhecimento destinava-se, sobretudo, a explicar o mundo de Deus.

Roger Bacon (1214-1294) tornou-se o mais conhecido dos cientistas medievais. Subordinava a ciência à teologia, considerando esta a rainha das ciências. Defendeu o método experimental como forma de atividade científica. Previu invenções, como a carruagem sem cavalos e máquinas voadoras. Desenvolveu conhecimentos sobre ótica, trabalhou com lentes de aumento e é considerado o provável inventor do microscópio. Realizou estudos geográficos, sendo considerado o principal geógrafo da época. Ademais, assinalou imprecisões no calendário Juliano (calendário vigente à época).

Na época medieval, o campo do conhecimento era concebido como um todo e evitava-se a especialização do estudo em algum ramo, buscando, pelo contrário, o conhecimento unitário. Essa tendência foi transportada para as artes: a escultura e a pintura foram subordinadas à arquitetura, caracterizando a paixão medieval pela unidade.

A Idade Média teve dois estilos arquitetônicos básicos, utilizados em mosteiros, igrejas, mercados e palácios: o românico e o gótico.

As construções em estilo românico, que se originou no século X e se consolidou no século XI e na primeira metade do XII, tinham as seguintes características: arcos arredondados, paredes maciças, grandes pilastras, janelas pequenas e interior pouco iluminado. Em geral, o acabamento interno era sóbrio, criando um ambiente próprio ao recolhimento e à oração.

A arquitetura gótica desenvolveu-se e suplantou a românica no curso dos séculos XII e XIII. As catedrais góticas ficavam sediadas no setor urbano. Assim como todas as catedrais, elas eram, ao mesmo tempo, igreja, escola e biblioteca. Toda a população da cidade participava de sua construção. As cidades competiam entre si, cada uma pretendendo edificar a igreja maior e mais deslumbrante.

Figura21: O estilo Gótico desenvolveu-se na Europa, principalmente na França, durante a Baixa Idade Média e é identificado como a Arte das Catedrais / http://www.historianet.com.br

O estilo gótico era complexo, cheio de detalhes. As catedrais passaram a ser mais altas. As torres possuíam torres em forma de flechas. As janelas eram maiores e mais numerosas. Os arcos redondos cederam lugar aos arcos em formato de ogiva. A decoração caracterizou-se por figuras de animais, plantas e outras criações simbólicas. Estátuas e vitrais davam vida ao interior.

A escultura retomou sua importância do século X, quando se utilizava metal, marfim ou pedra. A pintura adquiriu formas variadas. Desenvolveram-se, em especial, na região da atual França, a miniatura dos manuscritos, os vitrais, [...] os afrescos e a tapeçaria.

Embora não pudesse ser considerada a língua oficial, o latim era o idioma que mais se falava na Europa ocidental durante a Idade Média. As populações de algumas regiões, porém, falavam um latim mesclado com outros dialetos, que deram origem às línguas neolatinas. Os tratados de teologia e as obras científicas e históricas eram escritos em latim. Na Baixa Idade Média surgiram obras literárias em língua vulgar, ou seja, escritas na forma dos dialetos falados pela população.

O final da Idade Média apresentou uma literatura com fortes traços humanistas, a qual revelava um prazer de viver muito próximo daquele que seria demonstrado nas obras literárias do Renascimento, movimento artístico, cultural e do pensamento que ocorreu na Europa entre os séculos

XIV e XV. A proporção de obras religiosas na Baixa Idade Média não foi maior que a de obras laicas.

AS UNIVERSIDADES

[...] "no século XIII as escolas se fixam, se organizam, se corporativizam, dando origem às Universidades. Na verdade, universitas designava qualquer comunidade ou associação, com o termo passando a ser usado exclusivamente para a corporação de professores e alunos apenas a partir de fins do século XIV [...]

Quanto às suas origens, fala-se em Universidades "espontâneas", em "nascidas por secessão" e em "criadas". As do primeiro tipo resultaram da reunião de escolas já existentes no local, caso de Bolonha (1158) e Paris (1200). As do segundo tipo surgiram de problemas que levavam grupos de mestres e alunos a abandonarem a universidade que freqüentavam e a fundarem outra em lugar diferente, caso de Cambridge surgida de Oxford em 1209 e Pádua derivada de Bolonha em 1222. As do terceiro tipo organizaram-se a partir de bulas imperiais (Nápoles em 1224) e papais (Tolouse em 1229). Todas estavam subdivididas em faculdades, que abrangiam quatro ramos do saber: a preparatória, herdeira das escolas carolíngias, na qual o estudante ficava dos 14 aos 20 anos examinando as tradicionais sete artes liberais e por isso chamada de Faculdade de Artes; a seguir ele optava por uma das três áreas, Direito (Canônico ou Romano) ou Medicina, cujos estudos se estendiam por cerca de cinco anos cada, ou Teologia que exigia um aprendizado de uns quinze anos". (FRANCO JR, 1986, p. 141/142).

A CULTURA NA IDADE MÉDIA

Figura 22: Na Idade Média, grande parte das pessoas não sabia ler e escrever http://www.brasilescola.com

"A cultura seguia os progressos da sociedade feudal. Apresentava traços gerais inerente à época feudal, respeitados os particularismos locais. Além disso, as particularidades devidas ao desenvolvimento econômico destes países, além de outras numerosas circunstâncias (condições naturais, particularidades étnicas, influências e relações históricas, etc...) explicam tais diferenças.

A cultura feudal, tanto leiga quanto religiosa, era a expressão dos interesses da classe dominante; por outro lado, a posição preponderante que a Igreja ocupava no plano ideológico, característica da Idade Média, marcou mais os menos profundamente (de acordo com as condições históricas concretas dos diferentes países) a evolução de toda a cultura medieval. A Igreja subordinava a filosofia, a arte e a moral, à teologia. Na Europa, principalmente a educação estava quase exclusivamente nas mãos do clero. As crônicas e outras obras literárias eram escritas nos mosteiros, onde também as obras dos autores da Antiguidade eram recopiadas.

A cultura da sociedade feudal desenvolveu-se graças à luta entre as correntes progressista e reacionária. A classe dominante, ao criar sua cultura, fazia empréstimos numerosos das fontes populares e, submetendo a criação dos artistas surgidos do povo à sua ideologia, utilizavam seus talentos para seus próprios fins. A cultura popular e a das massas trabalhadoras dos campos e das cidades expressavam-se de forma espontânea na grande poesia épica nacional, nas lendas, nas canções, nas fábulas, nos contos e em outros tipos de obras em prosa e verso. O substrato popular de muitas obras é o melhor da literatura medieval. Apesar de todos os empecilhos que tentavam asfixiar a força criadora das massas populares, oprimidas pelo jugo feudal, o gênio artístico do povo manifestou-se também no teatro, na música, na arquitetura, na pintura e na escultura. A original e assombrosa arte aplicada dos países da Ásia (China e Índia em particular), da Europa e da África do Norte mostra como as fontes de criação popular, as fontes da arte dos camponeses e artesãos da Idade Média, eram inesgotáveis.

O jugo da ideologia religiosa, a mordaça imposta a todo pensamento livre e as perseguições contra os conhecimentos científicos que não estavam de acordo com a doutrina da Igreja, causaram um grande prejuízo para a difusão da cultura. Os verdadeiros conhecimentos científicos só puderam progredir lutando contra a concepção do mundo pregada pela Igreja. Durante o século XIV, começou na Itália o que foi chamado de renascimento, uma nova e importante etapa no desenvolvimento da cultura. Uma nova ideologia iniciou-se, com uma nova concepção do mundo, o humanismo, que se colocava particularmente contra a escolástica e, de uma maneira geral, contra a concepção de mundo preconizada pela Igreja. Os homens do Renascimento opunham, à ditadura espiritual da Igreja com suas concepções do mundo, feudal e religiosa, uma concepção profana do mundo, uma cultura profana, uma arte plena de alegria e de luz, conhecimentos científicos baseados na experiência e no estudo da Natureza.

A cultura medieval conheceu períodos de apogeu e de declínio, avançada e progressista em alguns aspectos, outros muito obscurantistas e reacionários, mas, na sua evolução geral, representou um grande passo à frente. Enriqueceu com novos valores materiais e espirituais a Humanidade e propiciou o surgimento de escritores e pintores eminentes, sábios e filósofos, cujas atividades exerceram uma profunda influência progressista e tiveram um papel importante no desenvolvimento cultural da humanidade...” (PINSKY, 1979, p. 180/181).

CONCLUSÃO

Mudou a economia, mudou a sociedade, na Baixa Idade Média. Mudanças também aconteceram nas formas de conhecimento, de pensamento, de fazer arte.

Somados, os efeitos das cruzadas, do revigoramento do comércio e das cidades, transformaram a sociedade: de uma sociedade de ordens para uma sociedade composta de estamentos.

RESUMO

Enquanto o desenvolvimento do comércio e a urbanização mudavam a base da economia européia, conforme vimos nas aulas anteriores, mudanças também afetavam a composição das camadas sociais e as relações entre elas.

Desde o fracasso das Cruzadas e seu efeito sobre o clero, a aristocracia e os servos, outros fatores contribuíram para a transformação da sociedade, como o crescimento do comércio e das cidades: surge a burguesia e, enquanto uma parte dos trabalhadores liberta-se da servidão, outra sofre com o recrudescimento da exploração e se revolta. “A pobreza foi permanente ao longo da Idade Média”.

A Baixa Idade Média foi também uma época de mudanças culturais, especialmente na educação, como resultado do surgimento das Universidades.

ATIVIDADES

1. Escreva um pequeno texto que contemple as principais mudanças sociais ocorridas na Baixa Idade Média.
2. Destaque o que de mais importante aconteceu na Filosofia, na ciência e nas artes, durante aquele período.
3. Faça um resumo do texto sobre a cultura na Idade Média.

PRÓXIMA AULA

O assunto a ser analisado na próxima aula diz respeito à crise que atingiu a sociedade feudal nos século XIV e XV.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. Lisboa: Edições 70, 2001.

COSTA, Luís César Amad e MELLO, Leonel Itaussu **A. História Geral e do Brasil: da Pré-História ao Século XXI**. São Paulo: Scipione, 2008.

CROUZET, Maurice (Direção). **História Geral das Civilizações**. A Idade Média: Os tempos difíceis. V. 8. Tradução de Pedro Moacyr de Campos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DOBB, Maurice. **A Evolução do Capitalismo**. Tradução de Manuel do Rêgo Braga. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1963

FRANCO Jr., Hilário. **A Idade Média: o Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

MACDONALD, Fiona. **O Cotidiano Europeu na Idade Média** São Paulo: Melhoramentos, 1995.

MOLLAT, Michel. **Os Pobres na Idade Média**. Tradução de Heloísa Jahn. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

PEDRERO-SANCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média**: Textos e testemunhas.São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PINSKY, Jaime. **O Modo de Produção Feudal**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Sociedade Feudal**: Guerreiros, Sacerdotes e Trabalhadores. São Paulo: Brasiliense, 1982.